

VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

ANO 1 - N.º 52 - PREÇO: 1\$20

LISBOA, 14 DE MAIO DE 1942

UMA LINDA RAPARIGA DE AVEIRO

(Foto do grande artista Horácio Novais)



Princípios

por Francisco Veloso

HASTA rápida leitura dos despachos principais que a imprensa publica, para se sentir que a marcha para as grandes decisões entrou quasi em vertigem. O mundo espera a hecatombe. O incidente de Madagascar encendeu ainda mais as ansiedades porque assimou o novo espirito de acção dos povos aliados.

O GOLPE DE MADAGASCAR

No dia 5 de Maio, os jornais vespertinos traziam a noticia de que a ilha de Madagascar foi occupada por importantes forças navais e terrestres inglesas. A noticia, assim encabeçada, somente traduzia o intento dos aliados.

As do dia seguinte mostravam que uma força naval do mesmo tamanho, com effectivos motorizados havia apparecido no porto de Diogo-Suarez e desembarcou em Courier, tomando contra do istmo que separa a base naval; — que um ultimato foi dirigido ao governador da ilha, por demais sabido devoto de Vichy, o qual retorquira que defenderia a ilha até ao fim; — que as operações se realizaram sem combate.

A par destes successos militares, ha a frisar que no mesmo dia a Secretaria de Estado de Washington comunicou ao embaixador francês Have o facto da occupação, e que esta se efectivara «com o completo accordo e apoio do governo dos Estados Unidos». Em seguida empenham-se as razões determinantes do acto:

«Uma tal occupação pelas forças do Elzo constituiria uma grave ameaça para as nações aliadas, na sua luta para manter a civilização a que a França e as nações unidas há muito estão acostumadas. O governo dos Estados Unidos está em guerra com as potências do Elzo e se for necessário ou aconselhável que as tropas ou os navios americanos utilizem Madagascar na defesa da causa comum das nações aliadas, não hesitará em o fazer, em qualquer occasião. Os Estados Unidos e a Grã-Bretanha estão de accordo em que Madagascar seja novamente entregue à França depois da guerra, ou em qualquer altura em que a occupação de Madagascar já não seja necessária para a causa comum das nações aliadas. Em vista disto, Madagascar foi occupada, com o fim de evitar qualquer acto de guerra autorizado pelo governo francês, contra os governos da Grã-Bretanha ou dos Estados Unidos, que teria de ser considerado pelo

governo dos Estados Unidos como uma ataque contra todas as nações aliadas.»

O governo inglês, uma vez partido de Vichy o almirante Leahy, não formulou declaração alguma, o que coloca frontalmente os Estados Unidos perante a França em nome de todo o bloco a que elles pertencem.

Laval entregou a Tuck, o encarregado de negócios norte-americano em Vichy, a resposta áquella nota cujos termos são de registar:

«O governo francês levanta o mais enérgico protesto contra a aggressão de que Madagascar acaba de ser objecto por parte das forças británicas. O governo francês regista a affirmação de que Madagascar será um dia restituída à França. Rejeita, como inadmissivel, a pretensão dos Estados Unidos de enviar à França, que se defende, quando o seu território é atacado. O governo francês é o unico juiz das obrigações que lhe impõe a sua honra. Foi assim, de resto, que, com justiça, o compromettam os defensores de Madagascar.»

E a nota mais adiante acrescenta: «A Inglaterra manifestou tão bastas vezes um animo, a uma hostilidade contra a França que a aggressão que levou a cabo contra Madagascar não constituiu surpresa para o governo francês, terminando por afirmar que «o governo francês terá que deixar a Roosevelt a parte de responsabilidade que lhe pertence nas consequências que podem resultar desta aggressão.»

Ao dar conhecimento deste documento à imprensa, Laval lembrou que durante a sua última entrevista com o almirante Leahy, afirmou: «Repto que um gesto definitivo entre os dois países não partirá da França.»

Desde meados de Março que a posição de Madagascar está em causa, em consequência da derrocção da offensiva nipónica para Indico, do aparecimento de submarinos japoneses em Aden, e dos dois ataques a Ceilão. Observando-se um mapa, e unido-se Ceilão a Madagascar e depois cada uma destas ilhas à boca do Mar Vermelho, recebe-se nitidamente a visão de que com esses dois pontos de apoio dominadores, estaria virtualmente realizado aquele projecto nipo-germano de completar o cerco à frente britânica no Oriente e de, após um assalto victorioso a Suez, juntar as duas esquadras do Elzo à vista da Índia.

A 18 daquele mês, Smuts desnuda claramente o perigo de uma (uma vez mais) fácil, como da Indochina, occupação da grande ilha que ainda hoje é um monumento da administração do general Gallieni. O chefe do governo sul-africano não hesita em revelar que ordenara defesas mórtes em todo o litoral, e que a chave estratégica da África do Sul ficaria guardada nas mãos das nações unidas. A chave estratégica da África do Sul é Madagascar. Com razão

esclarece no dia 5 o correspondente da «Reuters», ao dizer que Madagascar é a chave sul do Oceano Indico e um trampolim para a invasão, por mar e pelo ar, do continente africano, ajudando que há muitos meses o Japão procurava, em segredo, convencer o Governo de Vichy a ceder-lhe bases navais e aéreas no norte da Ilha, para atacar dali as linhas de abastecimento dos aliados, a Rússia e a China.

Madagascar — continuava o mesmo correspondente — também podia ser um porto de escaota para navios de carga japoneses transportando matérias primas, principalmente das Indias Orientales Neerlandesas, que, pelo Norte de África, poderiam alcançar a Alemanha. Das bases aéreas de Madagascar, os bombardeiros japoneses poderiam não só atacar os comboios de navegação dos aliados, mas ainda fornecer protecção eficaz a uma invasão por mar da costa oriental do continente africano. A cidade de Durban, por exemplo, ficaria a alcance dos mais poderosos bombardeiros japoneses de voo de longo alcance. Porta-aviões japoneses poderiam navegar a maior parte da grande zona, contra toda a orientação de África, transportando em «fácil presa».

A maneira japonesa de fazer a guerra leva á directa convicção de que Madagascar estava e está dentro da órbita do Elzo.

CONTESTAÇÕES E REPLICAS

A 21, o governo de Vichy de Darlan declarara a Washington que não se entregaria voluntariamente a sua esquadra ou a ilha de Madagascar a qualquer das potências do Elzo. A 27, a perspectiva dos

actuais acontecimentos rasgava-se num despaço da capital norte-americana no qual se affirmava que o avanço japonês para o Indico, através das linhas de comunicação das nações unidas, concentrava as atenções geras sobre Madagascar. Portanto, a questão estava posta, como aliás melhor se explanava a seguir:

«Visto daqui, o problema para os Estados Unidos é evitar a junção das forças alemãs e japonesas, junção que praticamente cortaria a China e a Rússia dos fornecimentos de guerra dos Estados Unidos. Madagascar é importante, tanto como ponto estratégico como ponto de apoio para grandes unidades das Marinhãs de Guerra americana e británicas. O Porto de Diogo-Suarez, ponto mais ao norte da ilha, é bem protegido contra o mar tempo o tempo de vista militar oferece facilidades que não se encontram em qualquer outra parte do Oceano Indico. É fácil construir a sua importância, encontrando-se perto

do Cabo da Boa Esperança e comandando as comunicações com o Oceano Indico e com o Golfo Pérsico. Também não é esquecido o facto da França possuir entre ilhas importantes nas proximidades de Madagascar, a ilha de Reunião.»

O governo de Darlan chegava nessa altura (isto é, durante as negociações para que os Estados Unidos continuassem a abastecer a França não occupada, como realmente tentaram continuar) a declarar que no caso da ilha de Madagascar ser assignada, pediria o auxilio aos Estados Unidos. A transformação politica em Vichy com o acesso de Laval operou uma mudança profunda neste estado de coisas. Mas, por isso mesmo, não pode ser alegada em Vichy qualquer surpresa.

Os meios officiosos de Londres anticiparam-se a notar essa mudança de orientação politica que definitivamente juntou o governo de Vichy á colaboração efectiva com a Alemanha: «Com a lição da Indochina e do Suez, os franceses têm a memória dos governos aliados, seria extremada loucura supor que o governo de Vichy tomasse qualquer attitude effectiva para reabrir a possibilidade de um embargo de guerra em Madagascar, ameaça essa que se apresentava tão nitidamente. Com o regresso de Laval ao poder, a ameaça da occupação de Madagascar tornou-se iminente. E, essa ameaça parecia ainda mais séria pela circunstancia de que, nos últimos dois ou três dias, o Almirante Nogura e Abetz eram enviados do governo de Vichy. Sente-se nos meios autorizados desta cidade que a presença dessas personalidades e de membros prominentes das missões navais japonesas em Berlim e Roma marcam a imminência de futuras concessões de Vichy ás potências do eixo e principalmente ao Japão.»

De seguida dada por Laval e Pétain ao comandante Amet para resistir a todo o transe, geraram-se as polémicas na imprensa francesa e anglo-saxónica, mas o Daily Mail, a imprensa de maior influencia do Japão exigiu a Indochina, o governo de Vichy entregou-a sem murmurar. Quando a Grã-Bretanha pediu, com a maior correção, que lhe fosse permitido limpar a Siria de alemães, o governo de Vichy pegou em armas e combateu. O mesmo succede agora em Madagascar. Pétain e Laval, em ordem ao comandante militar para «resistir ao ataque e defender a honra da bandeira francesa». Mas o governo de Vichy não defendeu a Indochina. Quando os japoneses invadiram essa colonia, o informador official de Vichy declarou «não haver qualquer objecção a opôr». Se houver luta em Madagascar, tem-se a esperanca de que será curta e conduzida da nossa parte com o potencial necessário. Não se deve repetir o que se deu com a Indochina. Quando os japoneses nossa clemência foi restituída com

processos traiçoeiros pelo general Denitz.

Correll Hull, secretário dos negócios estrangeiros norte-americanos, declarava aos jornalistas no dia 6 — isto é, no mesmo dia em que Vichy admitia a possibilidade de se generalizarem certos relacionamentos diplomáticos com os Estados Unidos — que essas relações são determinadas pelo desenrolar diário dos acontecimentos e pela maneira de agir de Vichy, e não acrescentando logo que os Estados Unidos prestam a maior atenção às atividades que se registam na Martinica, razão pela qual estão preparados para agir no momento oportuno. Na Martinica está parte do esquadrão de guerra de França e da esquadra.

Qual a reacção de tudo isto no povo francês, ainda é para ver. A notícia de La Línea, no dia 5, de que dois generais franceses e dois oficiais tinham vindo a Gibraltar, fugidos do seu país, para confederarem com De Gaulle, ficou a boiar, ao saber das tumultuosas cenas de violência que circulam nestes extraordinários sucessos.

A CHINA E A INDIA

Como se vê, não é só a respeito da evolução da guerra no Oriente que eles ganharam tamanho révelo. Eles são sobretudo uma vanguarda de outros maiores que ansiosamente se

CHIANG-KAI-SHEK esperam.

Na Ásia, os japoneses cortavam entre o dia 6 do ataque a estrada famosa de Mandalay, avançando ferrosamente Birmanã dentro, e ocupando a cidade de Akyah, a 500 quilômetros de Calcutá. Os 22 navios chineses e tropas norte-americanas à Índia, à qual o chefe de missão ali, Grady, chamou o arsenal do Oriente. Crupos fizera, entre tanto, nos Comins, a 28 o processo das negociações, rematando por lançar a responsabilidade do rompimento para cima dos homens do Congresso, e proclamar que, embora o futuro precisava reabrir o problema da reorganização constitucional, a questão urgente era a da defesa da Índia. E se bem que a 3, o dr. Azad sempre com o subterfúgio da resistência passiva aos invasores, retrocessiva cinco novas afirmações de irreduzibilidade, um movimento patriótico começava no enorme país, dividido intelectual e guerreiros e rajás das monarquias, e o governo de Bengala. O vice-rei fizera a ordem para as unidades, e o movimento avolumava-se — ao chegarem as notícias do avanço japonês — tendo à frente o vice-reitor da Universidade de Bombaim, Masani. Trezentos e dez batalhões auxiliares estão a ser constituídos nos estaleiros navais.

A ilha e fortaleza de Corregidor capitulavam no dia 6, depois de cinco meses de heroica e constantemente heróica que retardou, completado pela luta na península de Bataan, o derrame da invasão, dando tempo aos preparativos norte-americanos na Austrália, que, apesar de não afastarem o perigo de um assalto nipônico, fizeram contra ele, sobre as posições da Nova Guiné, a grande barreira-limite. No entanto, o Japão desembarcava-se de um das pelas que lhe tomavam os flancos. A marcha das suas colunas para o norte levantava a hipótese dum irrupção pelo sul da China. Chung-Kai-Shek, que acedia a Birmanã, defende-se, depois de larga conferência com Wavell, e com comandos, uma ofensiva sobre uma frente de 600 quilômetros desde Nanquim ao norte até Ningpo no sul. Um

comentário de Xung-King, denunciava que «estes ataques espalhados, como a linha dos aliados, fazem parte de um plano estratégico geral dos aliados, aproveitando a dispersão nipônica.

Mas nada disto altera, por enquanto, o decurso da guerra no Oriente. A amplitude do assalto japonês obriga Tóquio a reconsiderar, antes de torná-la maior, Roosevelt prometeu aviões à China. Dos aeródromos militares chineses podem bater-se as linhas de navegação e as próprias ilhas do arquipélago inimigo. O reforço de Ceilão e o golpe sobre Madagascar transformarão no Índico a projectada cooperação nipo-americana. Verificar-se-á mais tarde que houve uma disparidade entre o ritmo da marcha japonesa e da marcha alemã, a primeira mais rápida que a segunda. Fôra objectivo da entrada do Japão provocar um desconhecimento das forças britânicas e americanas, atirando-as ao Pacífico. Esse objectivo falhou. O marechal inglês, a despeito do comando de bombardeiros, Harris, dizia há pouco em Sidney:

«Se pudesse mandar todas as noites à Alemanha 20.000 bombardeiros, a guerra estaria finada no outono. Vamos bombardear a Alemanha incessantemente e não tenho a menor dúvida de que chegará o dia em que nós e os Estados Unidos seremos de novo a Alemanha ser dominada. Quando isso se der, será então o momento de vibrar o golpe final contra o Japão.»

A guerra reverta à Europa, tendo por alvo o bustão europeia da Alemanha.

FRENTE A FRENTE



Um minucioso comentário do crítico da publicação do Times, p r e n t e i a demonstrar nos primeiros dias do corrente mês, que a guerra está ficando violenta de bombardeamentos e o m que a Royal Air Force está castigando a Alemanha, já a obrigou a a Leste lutar em duas frentes aéreas, e que estes ataques maciços, de que os Lubek e Rostok foram exemplo, a visam e descentralizar o potencial aéreo e a destruir o industrial, destinado à frente russa e ao Médio Oriente. O mesmo crítico prevê que a Luftwaffe poderá perder a superioridade aérea no momento em que a produção americana arrojada para a Inglaterra a grande massa de bombardeiros e caças que assegurem essa inferioridade alemã. Sinclair, poucos dias antes, respondendo a certos artigos humanitaristas que resmungavam nos Comins sobre os duros estragos causados pelas bombas alemãs em Bath e em Norwich, dizia rotundamente: «a melhor maneira de evitar estas destruições é acabar depressa com a guerra. A política do governo continua a ser a de destruir a capacidade inimiga para fazer a guerra, e os bombardeamentos fábricas, transportes e armazéns militares onde quer que eles se encontrem.» E é curioso que estas palavras vinham ao encontro de um telegrama, que no dia 2 o Journal de Genève publicava. O seu correspondente em Berlim, com o visto da censura alemã, no qual se informava que «se estabelecia semi-oficialmente, naquela capital que os bombardeamentos de aviação inglesas cessarão, se a R. A. F. mudar de métodos ao bombardear as cidades alemãs, porque este duelo é extremamente impopular na Alemanha.»

De facto, num só dia a vaga da R. A. F. cobria uma extensão dilatada. A Flota alemã, a bordo dos navios Skoda até Estugarda, e vinha ainda aos portos e comunicações da Holanda e ao norte da França. No dia 6, ao chegarem as primeiras notícias dos bombardeiros americanos à Inglaterra, declarava-se concluído o acôrdo anglo-americano das suas operações conjuntas das duas aviações, sobre um mesmo plano, contra o território do Reich. Nolava-se que desde o começo de Mario descia o número de aviões alemães em raids sobre a Inglaterra, e neste facto alguns queriam ver o cuidado especial de Hitler em conservar ileso o maximo das suas esquadras para o seu golpe a leste ou sobre o Mediterrâneo que todos os ventos dão como próximo.

Hiller clamava no Reichstag no dia 26: «a Luta a Leste vai prosseguir, o colosso bolchevista será batido por nós até que esteja esmagado. Contra a própria Inglaterra iremos desenvolver a nossa guerra desenvolve cada vez maior actividade. Nós, alemães, temos tido a ganhar nesta luta pelo ser ou não ser, visto que a perda da guerra seria apresentar o fim. A barreira da Ásia interior viria a inundar a Europa como nos tempos dos hunos e dos mongóis.»

Desde o relatório histórico de Von Brauchitch ao Führer, o chefe alemão leva para a frente leste todos os recursos. Ele assumiu, de facto, a exclusiva responsabilidade de arrancar por uma vitória militar. Atirará a leste? O informador do Alto Comando Alemão dizia a um jornalista sulgo no dia 29: «É possível que a ofensiva se efectue noutros pontos. Existem várias possibilidades ofensivas.»

A CARTADA DA AMÉRICA



Nas Américas, às vezes já não oferecem dissimuladas. O presidente Roosevelt, a primeira vez, definiu no Rio uma doutrina de reservas, quando a polícia descobria uma nova e inesperada mensagem, rede de agentes na Grã-Bretanha e Canadá, descoberta que se seguiu às investigações realizadas em S. Paulo, nas quais também se decifram mensagens enviadas para Berlim, pela rádio, pelo espião germânico Niles Christiansen que entrou no Brasil em Abril de 1941, e enviou com a sua primeira cifra para a Alemanha, com informações secretas, até Marco de 1942, quando foi preso pelas autoridades brasileiras. Em Junho de 1940, o Berliner Börsen Zeitung, a todos os confessar que temos uma quinta coluna no mundo, que bem trabalhou e contribuiu de forma eficaz para um sucesso alemão. São os emigrados, foram eles que tomaram na palma da mão os governos inimigos, os parlamentares, os jornalistas e os políticos durante sete anos e o seu espírito de ódio à Alemanha, enquanto aqueles durante sete anos sobre a Nova Alemanha, as suas ideais, as suas forças vitais e as suas possibilidades, e especialmente sobre o nacional-socialismo e os seus fundamentos.

A esta desmontagem de tão perigosa máquina, corresponde o aceleramento intensivo da produção para a guerra. Dir-se-ia que toda a América mobilizou. A adesão dos republicanos ao intercontinentalismo, conquistada por Wilkie na última Convenção do partido, mudou o quadrante de toda a política externa dos Estados Unidos. «Os Estados Unidos abandonam a longa e

comprometida era do isolacionismo, disse- se, e passaram a dedicar-se aos assuntos do Povo e das Nações que estão a milhares de milhares de distâncias.

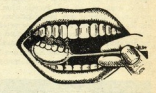
No dia 2, em Washington, puh-se de maneira seguinte a questão das ofensivas: «Os círculos bem informados declaram que a ofensiva anglo-saxônica não está afastada por agora, mas acrescentam que a data do seu desenrolamento dependerá da resistência que o exército vermelho ofereça na próxima ofensiva alemã.»

E condicionavam o auxilio e a ofensiva com a construção naval: «As unidades do Povo e das Nações imediatamente a invasão dum parte da Europa ocupada pelos alemães provêm de que semelhantes operações necessitam dum tonelagem conservável em navios de carga necessários para o transporte das forças.»

No entanto, o coronel Knox revelava, no dia 5, em S. Francisco, que as unidades do Povo e das Nações, canhões e aeroplanos é já calculada em quantidade suficiente para vencer. E o almirante Stark, comandante das forças navais em águas europeias, assegurava na seguinte: «Presentemente, lançamos à água dois navios mercantes por dia, conforme se pode demonstrar pelos números dos últimos meses. Continuamos manter esse ritmo de produção. O nosso programa naval indica que, enquanto no ano passado construíamos 30 navios, este ano construímos mais de 100. No próximo ano os números do corrente ano serão excedidos.»

Assim, é pelo barómetro norte-americano que nesta fase e na seguinte, a guerra vai ser orientada. As horas de hoje e as de amanhã têm de contar com os Estados americanos. A luta de Hitler é agora contra a energia dos Estados Unidos. Já assim foi na outra guerra.

Gengivas são Dentes fixos, sem cárie e sem piorreia



Só com PARGIL (Produto medicinal)

e nunca com os dentífricos que, martelando na palavra «microbíos», não passam de banalidades falsamente medicinais de laboratórios de perfumarias.

PARGIL, uma fórmula complexa (que inclui uma cultura polimicrobiana da flora bucal, esterilizada por um processo que é uma inovação), é um estrogénio microbioso que metódicamente extermina os germes patogénicos que pululam nas bocas, mesmo «naqueles que se dizem limpos».

PARGIL, não mascara a assenteio obliquo nem se limita a evitar a piorreia. Ataca o mal na origem, sendo este a raíz dos seus inigualáveis efeitos. NAS FARMACIAS E DROGARIAS

JUSTO EM TEMPO GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Terrão *

Contribuição e o céu do Sul

I A POSIÇÃO DA INGLATERRA

QUAL era a verdadeira situação no fim daquele mês de Junho de 1940, tão fértil em episódios sensacionais? Em pouco mais dum mês, o maior exército continental tinha succumbido ao peso das armas alemãs. Mais grave do que a derrota, era o espírito de resignação que a França acceitava os factos consumados. Dir-se-ia que a nação, toda a nação francesa, sentia uma necessidade dominadora de desancorar, de se retirar sobre os factos consumados, de se preparar para uma vida nova. Nem a invocação dos compromissos assumidos, nem a prevenção das novas catástrofes tinham impedido que elle acceitasse as condições pesadas do armistício que o invasor impusera.

Pouco antes de se consumar a derrocada total da França, o Führer e o Duce tinham-se encontrado para assentar nas condições a impor ao vencido. Sentia o acaso supor que apenas essa razão deturcava o seu encontro. Em 18 de Junho, quando Hitler e Mussolini trocaram impressões, os acontecimentos pareciam antecipar uma vitória fulminante das potências do «eixo». Falhava apenas consagrar essa vitória por um último e decisivo esforço.

Não eram, porém, as perspectivas duma continuação de guerra que se encovavam em Berlim e em Roma. A obrigação que entra em luta contra a Alemanha desliza-se pela derrota das potências continentais que nela tinham entrado: a Itália, primeira, a França, depois. Restava a Grã-Bretanha, potência de interesses imperiais, que tinha de pres-

tar, ao mesmo tempo, atenção do que se passava no continente europeu, dada a situação geográfica da sua metrópole, mas que não podia ignorar nem a extensão nem as necessidades do Império. Essa extensão e essas necessidades faziam da Grã-Bretanha uma potência extra-continental de características muito particulares.

Desaparecida a espada que, pela mão dos seus aliados, ella podia manejar na Europa, que ia fazer a Grã-Bretanha? Pôr de parte os compromissos que assumira em relação da Itália, entrando em guerra por causa d'elles, e remeter-se à situação de grande nação imperial cujos domínios se espalhavam pela África, pela Ásia, pela América, pela Oceania? Ou insistir no seu ponto de vista tradicional, acatando a sua posição em relação ao continente europeu e não permitindo que nenhuma potência adquirisse neste uma situação predominante?

A DECISÃO BRITANICA

Os cálculos diplomáticos do bloco Italo-alemão eram aquietados sobre uma base que parecia frágil. A derrocada do exército francês, a Grã-Bretanha parecia uma porção de comparsas por causa d'elles, e a remeter-se à situação de continuação duma luta de resultados problemáticos. Tudo concorria para firmar essa convicção, partilhada pelos círculos dirigentes alemães e italianos. O ministro dos estrangeiros do Reich, von Ribbentrop, que conhecia profundamente a vida inglesa, era de opinião que a nação britânica encontraria numa porção de compromissos adequados para as suas dificuldades actuaes, e que, adoptada essa solução, ficaria em condições de encetar o futuro de accordo com a sua fórmula consagrada: esperar e ver.

Essa concepção apparecia, porém, transformada por dois episódios recentes, mais reveladores. O primeiro destes episódios era a constituição do gabinete Churchill, em 10 de Maio; o segundo a retirada nos primeiros dias de Junho. O gabinete Churchill era um gabinete de guerra na mais larga accepção deste termo. Gabinete de guerra porque, segundo os moldes da politica parlamentar inglesa, realçava a união nacional sobre a base de uma representação profissional de vários agrupamentos com assento na Câmara dos Comuns. Gabinete de guerra porque as personalidades que o constituíam, conservadores, liberais ou trabalhistas, tinham, na sua quasi totalidade, manifestado o propósito firme de resistir ao dinamismo nazí, mesmo que, para isso, a nação houvesse de recorrer ás armas e quaisquer que fossem as consequências eventuais da luta empreendida. Gabinete de guerra, finalmente, porque o seu chefe era há muito considerado como o chefe do partido de guerra britânico e, nessa qualidade apontado, frequentemente, nos discursos dos homens de Estado italianos e principalmente dos homens de Estado alemães.

As condições em que se operava a retirada de Dunkerque também denunciava claramente o propósito de resistência que animava, naquella altura, os ingleses. A evacuação difficil de cerca de trezentos mil homens, abandonando ao inimigo todas as suas armas e equipamento, era um sistema que não deixava ilusões quanto à decisão britânica. Mas tudo isso ocorreu em pouco mais d'um mês, tempo insufficiente para transformar radicalmente a politica externa do Reich.

A EXTENSÃO DA VITÓRIA ALEMA

Nos termos do armistício de 22 de Junho, toda a costa da França e uma parte importante do terri-

tório francês tinham sido collocados sob a dominação alemã. Os alemães controlavam, assim, toda o Atlântico Norte, desde o Cabo Norte até aos Pireneus, com o domínio selectivo dos países cateterais: Noruega, Dinamarca, França, Holanda, Bélgica. Todos os portos, estuários, bem como todas as bases navais e aéreas dispunham por essa extensão porção do continente tinham passada para a sua posse selectiva. Era assim relativamente fácil a Estado Maior alemão fazer uma larga concentração de aríetes e de barcos para atacar, em massa, a ilha britânica no momento julgado oportuno.

Por outro lado, era evidente que tendo ficado em França todo o equipamento do Corpo Expedicionário britânico e encontrando-se os soldados e ingleses que haviam retirado do continente visivelmente fatigados e desiludidos, uma tentativa séria de resistência na ilha teria de ser objecto de cuidados preparativos no caso de os alemães se decidirem a atacar tudo numa acção audaciosa de desembarque. Essa acção estava, porém, nas suas tradições e nos seus métodos.

Entretanto o tempo decorria sem que se desse a invasão. Porquê? O mysterio da indecisão alemã, naquella altura, será, certamente, um dos motivos de espanto para os historiadores do futuro. O Führer deixava passar uma oportunidade soberana negociando o armistício franco-alemão sem exigir a entrega immediata da esquadra franceza. Se o fizesse, seria possível collocar sob o commando do almirante Rosler, uma esquadra de linha de quinze navios (quatro alemães, seis italianos e cinco francezes) capaz de fazer frente, com éxito, à esquadra de linha britânica. Essa esquadra de linha incluía unidades muito mais modernas e eficientes (a classe «Tripartite»-«Bismarck», dos alemães, a classe «Vittorio»-«Veneto», dos italianos, a classe «Dunkerque»-«Strasbourg», da franceza) do que a esquadra britânica, onde os navios da classe «King George V», começavam apenas a entrar em serviço. Certo que isso não concorria para o commando britânico pôde repartir as suas forças eficazmente pelo Atlântico e pelo Mediterraneo, enquanto a cerimonia do historico «vaga» de Foch, dando ao Reich uma assistência moral de incontestável significação, lhe não entregava uma esquadra poderosa que, na altura, poderia decidir do desfecho da luta.

DUELO DE ORADORES

Durante o fôco de três meses, dois oradores foram antrom-se na tribuna e junto das microfonas para exporem a linha geral desda fase da luta. Churchill falou, sucessivamente, por vários vezes, durante os meses de Junho e Julho. Hitler falou em 19 de Julho e em 4 de Setembro. As palavras do primeiro encontram hoje todo o seu significado historico. As do segundo constituem o melhor testemunho que se possa invocar para caracterizar um período inerte da luta.

Que dizia o chanceler? O seu discurso de 19 de Julho era um apelo ao povo da Grã-Bretanha que Hitler não desejava confundir com o seu governmento. O politico inglês dizia que, se não cessava a continuação esta guerra do Canadá, se é necessário, para o caso de serem succumbir a metrópole inglesa. É possível que os politicos pretendiam emigrar para o Canadá. O povo inglês, fãz deve permanecer na Inglaterra. É certo que essa guerra a guerra de uma forma bem diversa do que aquela por que a criaram os seus dirigentes. Dirigindo-se especialmente ao Primeiro ministro da Grã-Bretanha, o Führer acrescentava: «O sr. Churchill acabou de declarar, mais uma vez, que quer a guerra. Há seis semanas inaugurou a sua guerra



Frank Knox

aférez. Neste domínio julga, decerto, que tem a supremacia. Fêz essa guerra aérea com o pretexto de que pretende atingir objectivos militares. Esses objectivos militares não passam de cidades abertas, escolas, jardins. Quere dizer, precisamente, não aquilo que não constitui qualquer objectivo militar. Ainda não permitiu que lhe fosse dada a réplica. Isso não quer dizer que a abstenção seja a minha única resposta.

Quem a mim não se debruçou desde a assinatura do armistício com a França? O mundo andava cheio com os barcos de uma próxima invasão da ilha britânica. A invasão não se verificou ainda. Em compensação o Führer annunciava que, durante um mês e meio, o território do seu país seria objectivo de bombardamentos da R. A. F. A verdade é que a aviação alemã, operando em grande escala, realizava sobre o território britânico vôos demorados de reconhecimento que não podiam deixar de ser o prelúdio de uma acção próxima e séria. O anúncio dessa acção estava contido nas palavras claras do Chanceler. "A abstenção não será a minha única resposta". A batalha da França já seguir-se, com uma violência crescente, a batalha da Inglaterra.

O ÚNICO CAMPEÃO EM ARMAS

Desde o dia 15 de Junho que a retirada do exército francês, a ocupação de Paris, as disseminadas no seio do governo francês fizeram prever a capitulação próxima da França. Prevendo o acontecimento, cuja evolução seguia lentamente, Churchill fez, na noite de 17, uma alocução radiodifundida para assegurar a posição do seu país perante a marcha dos acontecimentos.

"As notícias da França, dizia ele, são muito más. Lamento-as pelo heroico povo francês, sobre o qual esta terrível desgraça. Nada alterará os seus sentimentos para com ele nem a nossa fé no renascimento e no génio da França. O que ali aconteceu não tem influência sobre a nossa atitude nem sobre as nossas propostas. Somos agora o único campeão em armas para a Europa, e não como França o melhor possível para merecer esta alta honra. Defendemo-la a nossa ilha e, com o Império britânico, combateremos, até que a maldição de Hitler seja afastada da humanidade. Estamos certos de que, no fim desta luta, tudo acabará por ser repetido nos seus lugares".

No dia seguinte, o Primeiro ministro repetiu estas afirmações na Câmara dos Comuns. Referiu-se imediatamente ao caso da França para insistir na necessidade de se derrotar a Alemanha, e nada afectar a progressão da luta. A Inglaterra, durante anos, bater-se-ia, sózinha se tanto fosse necessário, com a convicção íntima de que, no fim, lhe cobraria a vitória. Para Churchill fez o balanço das possibilidades e dos recursos inegotáveis do Império britânico e procurou demonstrar que a invasão da ilha britânica era uma empresa inválida, enquanto a esquadra inglesa existisse. Apesar de a balança do poder naval ter evoluído num sentido favorável ao "eixo", desde que a Itália entrou em guerra, a superioridade da Grã-Bretanha continuava a estar largamente assegurada, pelo que não queira a França a situação de derrotar que, qualquer que fossem as suas dificuldades de ocasião, ela se resignasse a, entregar os seus navios aos alemães para que estes pudessem utilizá-los na luta que prosseguiria, com uma violência crescente, entre o Reich e a Grã-Bretanha.

UM IMPERATIVO NACIONAL: RESISTIR

"Não sabemos ainda o que acontecerá à França, anunciou Churchill, ao Império francês. A verdade é que o governo daquele país está perdendo excelentes oportunidades e prejuízos, assim, e seu futuro, se não cumprir as obrigações assumidas por um tratado de que não pode ser desviar-se. A minha decisão é que a Inglaterra continuaria a bater-se pela "usa que determinará a sua entrada no conflito — e que era a libertação dos povos oprimidos da Europa — concluindo a guerra". A Inglaterra espera, portanto, nesta nova fase da guerra, a mais bela página da sua história".

Aquela hora, o Primeiro ministro da Grã-Bretanha não podia ter ilusões sobre o que se preparava. Conhecia as negociações para a conclusão dum armistício e sabia que os dirigentes franceses se encontravam profundamente divididos enquanto uns queriam aceitar o princípio da dominação alemã no continente, renunciando a continuar o combate, outros pensavam que devia continuá-se a guerra a mais longa possível, até ao fim da guerra, e depois nas colónias, especialmente nas do norte de África, com o apoio de uma esquadra numerosa e valiosa. Foi o primeiro destes pontos de vista que prevaleceu. Concluiu o armistício, a França não teria a seguir, nenhuma razão para falar pela rádio para dizer, mais uma vez, que, embora sózinha, a Inglaterra se bateria. Aproveitou a ocasião para censurar o novo governo francês, presidido pelo marechal Pétain, pela sua atitude, e a sua posição do Primeiro ministro, apenas serviria para



O PRIMEIRO GABINETE DE GUERRA DE CHURCHILL. Da esquerda para a direita: Artur Greenwood, Ernest Bevin, Lord Beaverbrook, Sir Kingsley Wood (em pé), Sir John Anderson, Churchill, Arlee e Anthony Eden.

trazer novos prejuízos ao seu país. "Não só o povo francês — dizia ele — será forçado a trabalhar contra o seu aliado, não só o território francês, com a aprovação do governo de Bordéus, será utilizado para nos atacar, mas os recursos do Império francês bem como a sua marinha de guerra passarão, rapidamente, para as mãos dos nossos adversários, sendo, no futuro, utilizados contra nós". O plano da Grã-Bretanha ficava assim claramente definido: em primeiro lugar resistir e enfrentar a ameaça de uma invasão possível, depois aguardar que se formasse uma nova coligação que não o Império britânico se bateria contra o Reich; por último, evitar que a derrota da França pudessem ser explorada pelos alemães.

AS ESPERANÇAS DO PRIMEIRO MINISTRO

Para realizar o primeiro destes objectivos, Churchill contava com a decisão do povo britânico e com pouco mais. A sua fé inabalável resultava principalmente do conhecimento perfeito que tinha das dificuldades com que os alemães lutariam para realizar qualquer desembarque. Na verdade os preparativos feitos para esse efeito não tinham certamente atingido a sua fase definitiva. Em Berlim formava-se a convicção de que a derrota da França acarretaria a derrota da Grã-Bretanha e quando esta esperança se revelaria ilusória o facto causou uma natural confusão. Toda a estratégia da guerra, do lado alemão, teria de ser revista à base dum novo realidade: a realidade revelada pelo povo inglês de se bater, qualquer que fossem as consequências da sua decisão.

Mas para Churchill, para os seus compatriotas, como para o resto do mundo, era evidente que a dominação do continente europeu pela Alemanha aliada com a Itália, daria a estes países uma vantagem que o esforço britânico, só por si, não estava em condições de anular. Vantagem de preparação militar, vantagem de armamento, vantagem na indústria de guerra, vantagem nas posições estratégicas conquistadas, que, certamente, seriam mantidas. Por outras palavras, sózinha, a Grã-Bretanha estava em condições de prosseguir o combate e de resistir. Mas se, além disso, se não impossibilitar, mudar o curso dos acontecimentos. Para que isso se desse, a Inglaterra voltava à sua tradicional política de coligação. Mas coligação com quem?

A derrota da França produziu nos Estados Unidos uma impressão profunda. Pela primeira vez os isolacionistas reconheciam que era possível derrotar, pelos métodos da guerra relâmpago, um exército numeroso e bem aparelhado, desde que previamente se tivesse dissociado a unidade da nação por uma propaganda hábil. A França já seguir-se a Inglaterra. Porque se não seguirmos, um dia, os Estados Unidos? As previsões de Roosevelt começavam a ler, para uma percentagem, cada vez maior, do povo americano, uma significação real e ameaçadora. Por isso ninguém estanhou

que ele recompusesse o seu governo introduzindo nele, como ministros da guerra e da marinha, dois adversários políticos, os republicanos Sisson e Frank Knox, que eram defensores ciosos da intervenção americana no conflito europeu.

DESENHA-SE UMA COLIGAÇÃO

Os Estados Unidos eram o aliado designado da Grã-Bretanha na luta que este país se propunha continuar. Restava a Churchill a dura necessidade de se bater enquanto a intervenção americana se não produzisse. Mas não era apenas da lado americano que o Primeiro ministro olhava. Lançada a vista para a Europa oriental, verificava que, apesar das aparências, também ali as coisas não corriam num sentido inteiramente favorável para os desejos dos dirigentes alemães.

Em 14 de Junho, Molotov entregara ao representante da Lituânia um ultimato exigindo a modificação do governo lituano e da sua política bem como a livre passagem de tropas soviéticas pelo seu território. O governo lituano aceitou estas condições e demitiu-se, bem como o presidente da República. Smetana. A escolha do novo governo foi feita de acordo com os desejos dos soviéticos e no dia 15 as tropas russas entraram em território lituano. Dois dias depois, a Estónia e a Letónia recebiam intimações idênticas com um resultado também idêntico. O governo de Moscovo, comunicavam da Berlim, afirma que "os Estados bálticos não respeitaram as convensões que tinham assinado com a U. R. S. S. e por isso os soviéticos viziam na necessidade de ocupar os pontos estratégicos daqueles países". Em 14 de Junho realizaram-se eleições nos três países bálticos, as quais foram inteiramente favoráveis ao desejo dos soviéticos; no dia 21 esses países pediram para ser incorporados na U. R. S. S. sendo, naturalmente, deserdado o pedido. A ocupação russa seguiu-se ao exodo da parte da população de origem alemã.

Na Roménia, perante a constituição dum governo de leito trilateral, em 21 de Junho, os soviéticos enviaram, em 26, um ultimato ao rei Carlos exigindo a cessação imediata da Besarábia. A estónia foi espulsa uma hora antes de expirar o prazo do ultimato. Ao norte e ao sul das suas fronteiras, a rivalidade entre o Reich e a U. R. S. S. começava a afirmar-se, embora se não pudessem traduzir ostensivamente. Churchill, que restava da relação diplomática entre o seu país e os soviéticos, enviando para Moscovo um novo embaixador, Sir Stafford Cripps, seguia estes acontecimentos com uma atenção vigilante. A coligação que imaginava existia na sua mente. Como os Estados Unidos, a U. R. S. S. não deixaria de tomar a sua parte no combate contra o Reich. Mas até que esse dia chegasse, a missão essencial de resistir ao poder alemão estava contada apenas à Grã-Bretanha.

(Continua)



PASSEIO NO RIO
Foto Jorge Garcia

PRODUZIR • ECONOMIZAR • PERSEVERAR



TIRE MAIOR RENDIMENTO DA GASOLINA

LUBRIFICANDO O SEU CARRO COM UM ÓLEO
QUE REDUZA A FRICÇÃO FLUIDA

A fricção fluida opõe-se ao funcionamento do motor, é inimigo do seu rendimento, aumenta muito o consumo de gasolina.

A fricção fluida acentua-se quando um óleo de inferior qualidade engrossa com o frio ou quando forma resíduos gomosos devido à oxidação.

O Mobiloil recomendado para o carro de V. Ex.^a conserva fluidez suficiente para lubrificar o motor durante o arranque a frio no inverno e também protege eficazmente as peças sob as temperaturas mais elevadas.

MOBILOIL

SOCONY-VACUUM OIL COMPANY, INC.

1893

VOCAL DA MAIORIA

SINFONIA DE ABERTURA

NUM dos nossos teatros vai, segundo parece, representar-se, em breve, a peça «Electras» do célebre actor americano Eugénio O'Neill. As pessoas menos familiarizadas com as coisas teatrais ignoram talvez quem seja este homem, não obstante a auréola que o envolve, principalmente após o Prémio Nobel que lhe foi conferido em 1936. Eugénio O'Neill, filho dum actor irlandês, James O'Neill, nasceu na cidade de Nova-York em 16 de outubro de 1882; nos 15 anos, por conseqüência, criança sóida, começou a sentir as duras realidades da vida; cedo conheceu o mundo; de mão de bordo a jornalista, percorreu inúmeras profissões: um dia escreveu uma peça; essa peça obteve êxito — e desde então nunca mais deixou de escrever para o teatro. Os triunfos acenaram-se de obra para obra. Por três vezes obteve o prémio Pulitzer do seu país. O seu nome converte-se numa bandeira. O seu teatro num símbolo. Num símbolo — como diz Stefan Priczel, um dos seus biógrafos — da própria sinquietação americana. Na verdade toda a obra teatral de Eugénio O'Neill, desde o «Dynamo» a «Electra» — os criticos titulos são caracterizadamente «gnósticos» — reflecte, como um espelho, não apenas as aspirações e as preferências, mas a alma, o coração e o espirito de «Tio Sam».

BEIJOS

UMA perfumista de Nova York, madame Rose Laird, lançou recentemente no mercado seu tipo de «rouge» aromatizado com essências de frutas. Assim há o rouge-laranja, o rouge-ananaz, o rouge-morango, o rouge-banana, o rouge-cereja e o rouge-pêssego...

Se a moda pegar e vier para Portugal já me inscrevo para uma salada de frutas...

OS DOIS NOMBES

CERTA ocasião, no Geréz, jogavam o bridge o dr. Pina Machado e o general S3 Chaves. Ora sucedia que éste sempre que se dirigia ao seu parceiro tratava-o por Pina Calado — antigo juiz e governador civil do Porto. O caso repetiu-se cinco ou seis vezes. De repente, porém, o dr. Pina Machado, ao ter de responder ao general S3 Chaves não hesitou e chamou-lhe Sá... Pachadral!

Riram-se ambos — e ficaram pagos.

POR CONTA DE SANTO ANTONIO

O marquez de Penalva era muito devoto de Santo António. Um dia um amigo do marquez dirigiu-se a sua casa até e pediu-lhe dez libras emprestadas...

— V. Ex.ª, senhor marquez, desculpe o atrevimento, mas foi Santo António que me recomendou à generosidade de V. Ex.ª...

O marquez pediu-lhe que esperasse uma momenta na sua casa e quando voltou disse ao visitante, com o mais triste dos sorrisos:

— Tenho muita pena, meu caro senhor, mas não me é possível deferir o seu pedido. Santo António, com quem acabo de falar, mudou de opinião a seu respeito...

A AJUDE DO FERRO



Augusto de Castro escreveu, uma vez, precisamente deôtra da personalidade de António Ferro, que havia duas espécies de homens gordos: os que eram gordos por dentro e magros por fora e os que eram magros por dentro e gordos por fora. Quere dizer: há falias magros — e falias gordos. António Ferro pertence à segunda categoria. Na verdade, examinado bem não se encontrá-lo por aí muitos gordos capozos da leveza, da vivacidade, da velocidade, da maleabilidade saltitante dêste rapaz de quarenta e cinco annos que se permite o luxo de ser gordo só para nos dar, em cada dia que passa, o surpresas e o elegância dum œro-dinamismo que pouco excederá. Quem tiver seguido a curva ascensional do fisico de António Ferro verificará que êle está longe daquêle António Ferro «sausa-maizgre» que surgiu no Chido, há um quarto de século — como o tempo passa! — com um bloco de quadricóns literários debaixo do braço; mas, quizer que sejam os suas transformações estéticas, uma coisa se mantém nêle intacta, por assim dizer, à sua pessoa: a permanente vibração do seu espirito — e o constante dinamismo do seu invólucro material. De cinco em cinco minutos tem uma ideia; de hora a hora consegue dar o volte ao mundo. Possuindo o condão de estar no mesmo tempo em Lisboa, em Paris, em Nova-York, no Rio de Janeiro, tem simultaneamente a rapidez do avião — e a pichorra do «touriste». Olhando o mundo através de si, vê-se a si através do mundo. O papel branco em que escreve é o seu melhor espelho. A sua imagem reflecte-se nos seus imagens. Há quem diga muito mal de António Ferro. Neguem-lhe qualidades que êle possui e encontram-lhe defeitos que êle não nega. Defeitos e qualidades, no seu conjunto, constituem o homem. Se êle tivesse só virtudes seria Santo António Ferro — o que, em rigor, não s3r bem. Assim com virtudes e peccados é António Ferro nome que fica no ouvido. Nama que afinal não é apenas um nome: pode ser também uma síntese. De facto, esta época portuguesa, com o seu dinamismo, a sua acção e, ao mesmo tempo, o seu culto pela tradição, é, de certo modo, a Idade do Ferro, uma nova Idade do Ferro...

DR. MANUEL RODRIGUES

O dr. Manuel Rodrigues, ex-ministro da Justiça, tem a palácio da caça. Conta-se que uma manhã, em pleno Alentejo, atirou em cheio a uma raposa — que caiu gloriosamente. Logo o dr. Manuel Rodrigues:

— Deve ser uma raposapa das que costumam aparecer na Faculdade de Direito...

JOLIO MARDEL

A seguir à revolução de 5 de Outubro, Jolío Mardel que era um monárquico convicto, surgiu, em pleno Chido, com uma gravata encarnada e verde. Encontra um amigo que logo o interroga:

— O Mardel, tudo isso é convicção? Logo êle:

— Não, menino: é cagaço!

O DIABO NA TEBRA

O actor Valério de Rajanto representa com tal convicção o papel de Diabo na *Lenda dos sete cravos* que, segundo nos consta, o Diabo vai nomeado delegado junto dos Artistas Teatrais...

A CASACA DE JAIME SILVA

TIVEMOS há dias o prazer de cumprimentar a Sociedade de Geografia a casaca do nosso velho amigo Jaime Silva (pai).

VIDAS AMARGURADAS

CARLOS Olavo está a escrever a história da vida atribulada do poeta Filinto Elísio. Alêrta, Pimental

100 AMIGOS

HOLIVE quem pensasse em fundar em Lisboa um Grupo Os 100 amigos do Teatros. Se assim fôr e vierem por bem — bemvidas sejam. Agora se êstes 100 amigos o forem apenas dos diabos, então que mergulhem, desde já, nas profundas do incensurável.

A «REFUGIADA»

MANUEL Magno agora um romance *Refugiada* em que denota esplêndidas qualidades para um género literário dos mais difíceis. No prefácio escreve o seu autor: «Eu não peço clemência; quando mais dura fôr a critica ao meu primeiro trabalho, menos êrto apresentará o segundo».

Êis um conceito digno, não dum Manuel Magno, mas dum Carlos Magno...

PARTIDAS E CHEGADAS

PARTIU ontem de manhã para Cascais, acompanhado de sua família, o illustre comedegrafo dr. José Ribeiro dos Santos.

Regressou à noite.

ROMANCISTAS

UM candidato a romancista escreveu, há dias, a um dos nossos editores comunicando-lhe que estava a escrever um romance e preguntando-lhe se era crãtume os autores receberem qualquer recompensa pelas suas obras e se exerciam qualquer direito sobre ellas.

«Não sei se o autor desta carta será um romancista, mas o que é, é seguramente um poeta ingénuo...»

CESAR DE FRIAS

O romancista César de Frias faz annos no dia 21 de Janeiro. Os meios competentes estudam a transferência do comêço da primavera para aquella dia...

O GENERAL GIRAUD

ÊSTE conhecido general francês que estava prãtamente desalmes salu da Alemanha — e está actualmente em França. Giraud grid, Poucas vezes um nome ter correspondido tanto a uma realidade...

Luís S' Oliveira



Conchita
Leonardo
*Uma das artistas
mais célebres de Espanha*

Esteve, há dias, em Lisboa Conchita Leonardo, uma das mais célebres artistas espanholas da actualidade. A «Vida Mundial Ilustrada» conseguindo um retrato da graça e do sorriso da grande vedete, transmite essa graça e esse sorriso aos seus leitores como uma autêntica dádiva da Primavera...
(Foto Campiá)

Atenção, mulheres!

Reflexões inconfessáveis

Um artigo inédito de Gregorio Martínez Sierra

A um dos nossos colaboradores, ofereceu Don Gregorio Martínez Sierra o artigo que vai ler-se. Primeiro de delicadeza e de respeito — de esse sábio «ingeniero español» — perde na sua tradução uma grande parte do seu encanto. E que há escritores, talvez os melhores e de melhor e mais justa reputação — que adquiriram uma personalidade própria e um estilo muito pessoal na sua maneira de escrever. Torna-se difícil pois, a propagação das suas ideias iluminadas, do seu humorismo ou do trágico dos seus conceitos. Mas, se assim é, pena é também, que essa prosa rufante, cheia de brilho — embora empalidecida por uma tradução tanto quanto perfeita — fique reservada aos que apenas dominam o idioma em que o original foi produzido.

Por isso, ao publicarmos o artigo de Don Gregorio Martínez Sierra, não pareleza — mestre da literatura e da gentileza bem castelhana — os agradecimentos e as desculpas que uns e outras merecem o talento magnífico de esse escritor de encantadoras peças de teatro — de que conhecemos «O coração caído» — dono de lindíssimos versos, director artístico há muitos anos da Companhia Cômico Dramática de seu nome e jornalista dos de maior nomeada e projecção não só da sua pátria, como em toda a parte onde é lido, figurando alguns dos seus trabalhos em várias antologias das mais severamente escolhidas. — L. P.



IZIAMOS, amigas e senhoras minhas, que, saltando as frágeis barreiras da tradição, havéis vindo ao mundo dos homens, bem decididas, ao parecer, a arrebatar-nos o cepto das mãos. Havéis-nos invadido. Já Haves tomado as nossas mais alpinas, simplesmente enunciando de uma verdade que ireis comprehendendo pouco a pouco, rapidamente, logo que tenha deixado de fugir, antes os vossos olhos sagazes e livres, a luz dos fogos de Bengala da já agonizante galanteria.

O sobredito trato entre homem e mulher, é, não sei se dizer, exaltante ou deprimente. Com certeza inquilante. É, fagitante, além disso, o varão necessita de quando em quando, descansar da aplacante certeza de que não há satias no horizonte. Algumas vezes, quando está

a vosso lado, perde um pouco de alma e necessita para completá-la e repô-la, longas horas de ambiente masculino. O rapazito criado entre saias é um introvertido hiper-sensível ou, se assim o quero, um super-egosta inagüentável. O homem mulherengo, que passa a vida da sala de visitas para o quarto de dormir, é um hiper-nervoso afectado e ridículo, quando não é um ser melancólico e agressivo masoquista. Sois alimento demasiadamente doce. A distancia é tónico amargo e saudável.

Vemo-las avançar, inundar-nos, submergir-nos. Estamos assombrados e desconcertados. Onde está o baraco na parede que nos permitia, pelo menos uma hora cada dia, «viver entre homens?»

Vós, amigas e senhoras minhas, não sentis ainda a fadiga nervosa da constante companhia masculina. Nós não temos, contudo, demasiadas ilusões sobre o inflexível do nosso encanto.

É possível que vos fatigueis menos porque nos olhaias com maior indiferença. É provável, que não estejais ainda cansadas de encontrar-nos em toda a parte, simplesmente, porque não nos vides. Estais tão deliciosamente entretidas disfrutando a novidade da vossa emancipação, que não reparais especialmente nos vossos companheiros de liberdade. Tendes ainda nos lábios o apaladado e refinado gosto da legislação do proibido. Tudo o que até há pouco era incorrecção, quasi pecado, transformouse em correctissimo natural e, ao que parece, inócuo. Desapareceram as «senhoras fiãs», as restrições, os prejuízos morais. Saís de casa sós, visitais sózinhas, ideis pelas ruas, ao teatro, ao cinema, à escola ou ao restaurante, sós ou acompanhadas por quem vos interesse. E está muito bem! Mas como a transformação foi brusca, a vós próprias vos parece mentira e encontrais um sobrinzinho de pecado em tudo isso, pecado, pelo menos, que anda a passear pelas veias. Em todas estas inocentes passeatas, que vos permitis em nossa companhia, não somos, de-certo, na vossa maneira de pensar, apenas uns companheiros, mas tantas vezes, um pouquinho de cúmplices. Por isso não vos aborreceis de nós. Mas depressa vos cansareis. Passareis do remorso ao aborrecimento. E clareareis também como nós: «Um cantinho sem homens, pelo amor de Deus!»

Itens, amigas, senhoras e amigas minhas, não é pessimismo nem tão misoginia; é a realidade. Se o Criador tivesse planejado a espécie humana para uma sempre eterna comunicação, não teria perdido o tempo em dividi-la em fêmeas e machos. Para fazer-se eterna e imutável, a comunicação, a comunicação, o género. O divino par: «contrair-se». Mas para o conseguir e sobretudo para o disfrutar plenamente, e indispensável ter-se time que procurar. Coisa impossível, porque estamos sempre juntos. Claro está que vde, para descansar de nós, tem sempre um refúgio do lar. É esse o vosso milagre; estando em toda a parte, encontrais sempre o meio de estar em vossa casa. É esse o vosso privilégio também. Se nós não apparemos... ficais sózinhas horas inteiras. Por isso salvareis as vossas almas. Nós sempre que voltamos para casa, vos encontramos lá. Nunca estamos só. É difícil que possamos ouvir a voz da consciência que não costuma falar senão no solidão. Por isso é mais difícil que



nos salvemos.

Tudo o que acima fica dito, é para digressão. Convenhamos em que havéis invadido tumultuosamente todos os nossos campos de actividade. E o mundo masculino pergunta a si próprio:

— Que fazem, que vão fazer, que fizeram, nos anos que já levam de actividade social as mulheres libertadas?

— Barulho, muito barulho! — resmunga um misogino desconfiado.

— Até agora — insinua um cynico mostrando os dentes — as futuras salvadoras do mundo distinguiram-se em três actividades: dançar, fumar e despir-se.

Estas, são málevoas parcialidades de competidor despeitado ou de tirano destituído. De verdade, o que há? Pouco tempo passou do vosso advento, mas, marca ou indica a vossa actividade qualquer profunda diferença moral na apreciação da Vida? Realizou-se já alguma das vossas predições tão esperanças? Posta de parte toda a inútil galanteria, não parece. E, a pesar disso...

«Onde, quando e como vos fazeis ver e ouvir? Nas oficinas, ganhando a vida. Ai estais lá muito tempo, porque ai vos levou a necessidade. Mal podeis importar adas ainda pela Lei que vos prende aos homens, à sua vontade, normas de

justiça que ele, teóricamente livre, não consegue fazer cumprir senão muito lentamente.

Na competência cruel, defendeis-vos com armas não muito puras. Intersticiais o esforço, torçais mais barato o salário. É um crime. Mas a fôrça dos vossos, que tentais aplacar com o vosso trabalho mal pago, justifica-vos, defende-vos.

É nos escritórios, «ateliers», bancos, ministérios? Aqui pouco se nota a diferença entre a vossa «modalidade» e a do vosso companheiro-homem. Pode ser que haja um pouco mais de exactidão da vossa parte no exacto cumprimento exterior do dever. Em compensação — falo sempre em geral — com muito menor consciência da responsabilidade. Trabalhai tenaz e honradamente desde logo, mas nota-se que não pondeis na tarefa o interesse essencial. Um instinto profundo vos advertir, talvez, da inutilidade do trabalho aprendido e o vosso sentido da realidade deprecia a própria obra em que, gastando o tempo, ganhais a vida. Que vos pode interessar que o câmbio saia ou decaia ou que um expediente do contencioso se resolva a favor do Estado ou do contribuinte? Sem dúvida alguma — bem vos diz uma voz estranha! — «o emprego de homens» não é o vosso lugar.

Nas Universidades? Aqui, sois, desgraçadas, nossas iguais. Se o homem e a mulher existe diferença real, ela não está certamente na intelli-

gância. Na aula, tal como hoje existe, creio sinceramente que noventa por cento de alunos — vós e nós — estamos a mais. Mal aprender teorias inaplicáveis, leis sem fundamento, filosofias ou venenosas ou anodinas? A maior parte dos seres humanos, tudo isso lhe é perfeitamente inútil. Em cada geração existem uns quantos espíritos que, irresistivelmente atraídos pelo «puro saber», sentem a necessidade imperiosa (chamemo-lhe por outro nome «vocações») e são portanto a não menos imperativa obrigação de constatar-se a estudar, investigar, aprofundar, subtilizar, conservar em uma palavra, o fogo sagrado da Sabedoria. É assim o fizeram, com Universidade ou sem ela.

Secreções não se matriculou em Filosofia, nem Gastama-Buda em Ciências

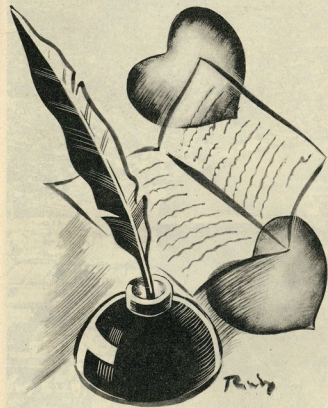
Lógica» aos dezassete anos? Se isso fosse possível, que coisa horrível!

Bizarramente, minhas irmãs, dividi connosco a tarefa do estudo inútil. Valerosamente, esforçai-vos por conseguir um título oficial de utilidade precária. Pondeis na tarefa um pouco menos de aborrecimento que nós, porque recomendadas e ansiosas por demonstrar a vossa capacidade em nos igualar, não haveis percebido ainda a insensatez do vosso propósito. Acabareis por cansar-vos. Mas espero que, em vez de vos obstinardes, como nós, em conseguir diplomas nas Universidades à força de talento ou de empenhos, sabe-

Para fotos nitidas e perfeitas...
Pellicula Kodak

Seja qual for o estado do tempo ou as condições de luz, a pellicula Kodak dar-lhas «fotos» claras bem detalhadas e naturais. Carregue o seu aparelho com pellicula Kodak se quizer a garantia máxima de boas fotografias

É vendida nas boas casas de artigos fotográficos
GARRAS LIMIÉES—13, RUA GARRETT—LISBOA



morais, nem Confúcio em Leis, nem Arquimedes em Matemáticas Superiores. E, contudo, eles foram os «sábios» do seu tempo. O punhado de sábios que ao mesmo tempo correspondem, não é preciso para existir e super-existir a contemporânea universalização do estudo impossível. A palavra Universidade é absurda quando de altas disciplinas mentais se trata. O excepcional, não pode ser universal. «A Sabedoria não edificou uma casa», assim reza uma humilde inscrição sobre a porta da Universidade de Madrid. Muito bem! Mas pequena e escondida, para que ela seja adorada pelos seus devotos. Não está bem que no templo de Minerva, vocifere e se agite a multidão dos escolhidos. Laboratórios em que se intenta resolver os problemas urgentes da vida, faltam muitos. Cadeiras de professores, não tantas. Matricular-se em Filosofia? E porque não pretender agarrar o céu com ambas as mãos? Vário ou fêmea, «distinto em

reis retirar-vos a tempo da inútil pseudo-actividade e que vos dedicareis a compreender, fora das aulas, o que realmente e vitalmente bem precisais.

«Além de trabalhar e de estudar, que fazeis a nosso lado, mulheres de hoje?» «Viver!, nem mais nem menos!» «E que fazeis de esta vida ao ar livre que, pela primeira vez, depois de tantos séculos de encarceramento físico e espiritual, estais começando, não sei se a disfrutar se a descobrir?» «Que archote vos alumia, que farol vos guia, que Pégaso ou que Clavileño vos serve de corcel?» «Chegareis antes que nós a moradia mais nobre que aquela em que vivemos?» «Ou é que vos propondes chegar a qualquer fim?»

Permiti, amigas e senhoras minhas, que deixemos o intento de responder, até certo ponto, a estas perguntas, para mais tarde.

A minha carta de hoje, é já demasiado longa.

Escutai ROMA!

RADIO CENTRO EIAR IMPERIAL

NOVO HORÁRIO NOTICIARIO EM LINGUA PORTUGUESA TODOS OS DIAS

Horas de Portugal	ESTAGÕES		
9,50	Noticiário { 2 RO 6	m. 19,81	Kc/s 15,300
	{ 2 RO 4	m. 25,40	Kc/s 11,810
13,15	Comunicado de guerra { 2 RO 17	m. 15,31	Kc/s 19,590
	{ 2 RO 7	m. 16,88	Kc/s 17,770
17,30	Noticiário { 2 RO 17	m. 16,88	Kc/s 17,770
	{ 2 RO 7	m. 19,61	Kc/s 15,300
22,10 e 6,10	Noticiário { 2 RO 22	m. 25,10	Kc/s 11,810
	{ 2 RO 4	m. 25,40	Kc/s 9,630
	{ 2 RO 3	m. 31,15	Kc/s 9,630
	{ 2 RO 11	m. 41,55	Kc/s 7,220
		m. 265,20	ondas curtas
1.	Noticiário { 2 RO 6	m. 221,10	ondas curtas
	{ 2 RO 19	m. 19,61	Kc/s 15,300
	{ 2 RO 18	m. 29,04	Kc/s 10,330
		m. 30,74	Kc/s 9,760

CONVERSAÇÃO EM LINGUA PORTUGUESA (às quartas e domingos)

22,10 (às quartas)	m. 25,79	Kc/s 11,600
22,20 (aos domingos)	m. 30,23	Kc/s 9,830

LIÇÕES DA UNIVERSIDADE RADIOFONICA ITALIANA (às terças, quintas e sábados)

16,35	{ 2 RO 11	m. 41,55	Kc/s 7,220
	{ 2 RO 22	m. 25,10	Kc/s 11,810

TEMPO

A melhor revista de actualidades editada em França
PUBLICA AGORA UMA EDIÇÃO EM FRANCIS
Magníficas crónicas — Profusamente ilustrada
Esc. 2500 cada exemplar
Distribuída por: AGÊNCIA INTERNACIONAL
119, Rue de S. Nicolau — Lisboa

Vida Mundial

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Continente e Ilhas: 3 meses (12 números) — 11500
8 meses (24 números) — 22500 12 meses (48 números) — 43500. África: 12 meses (48 números) — 60500.
Estrang. c/convenção — 12 meses (48 núm.) — 65500.
Estrang. a/convenção — 12 meses (48 núm.) — 80500.



ASPECTO PARCIAL DE TOQUIO, tirado de avião. A grande cidade, capital do oriental império, ouviu há dias, pela primeira vez na sua milenar existência, o sinal de rebote aéreo. Sobre a cidade maior da nação japonesa, caíram bombas que atingiram os bairros industriais dos arredores, e que se vêem na foto, em cima, à esquerda.



Figuras da Vida MUNDIAL

O ALMIRANTE DARLAN que foi, no começo da guerra, chefe da esquadra francesa e, após a derrota, vice-presidente do Governo de Vichy, e é hoje, após a subida de Laval ao poder, comandante-chefe das forças armadas da França, de terra, mar e ar.
(Caricatura de Cândido Costa Pinto)



O SR. DR. AUGUSTO DE CASTRO com o Chefe do Estado e outras personalidades eminentes que assistiram à sua conferência sobre o Brasil, recentemente pronunciada na Sociedade de Geografia.



O SR. CORONEL PIRES MONTEIRO fazendo, na Liga dos Combatentes da Grande Guerra, o elogio de Xavier da Costa.



OS FILHOS DOS EMPREGADOS MUNICIPAIS que assistiram à festa do dia 1 de Maio no Instituto Superior Técnico.

Vida MUNDIAL
e a estrada

JOSE CÂNDIDO GODINHO — Director; JOAQUIM PEDROSA MARTINS — Editor e Proprietário — Redacção e Administração: R. Garrett, 80, 2.º — Lisboa — Tel. 25844
Composto e impresso nas Oficinas Gráficas Bertrand (Lima), Ltd. — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa. DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS para Portugal e Colónias: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 19, 2.º — Telefone 2 6942.
— VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA —

USE O MATERIAL FOTOGRAFICO

ILFORD



CHAPAS // PAPEIS
PELICULAS

A' venda nos estabelecimentos de artigos fotograficos



ILFORD LIMITED
ILFORD — LONDRES



fala
e o mundo acredita

Noticiário em LINGUA PORTUGUESA

Horas		Estações	Ondas curtas
12.45	Noticiário	G R U	31.75 m. (9.45 mc/s)
		G R V	24.92 m. (12.04 mc/s)
14.15	Noticiário	G R Z	13.86 m. (21.64 mc/s)
		G R U	31.75 m. (9.45 mc/s)
14.30	Actualidades	G R V	24.92 m. (12.04 mc/s)
		G R X	30.96 m. (9.69 mc/s)
23.00 (*)	Noticiário	G S B	31.55 m. (9.51 mc/s)
		G R T	41.96 m. (7.15 mc/s)
23.15 (*)	Actualidades	G R T	41.96 m. (7.15 mc/s)
		G S B	31.55 m. (9.51 mc/s)

(*) Este período de Noticiário e Actualidades ouve-se também em ondas médias de 261.1 metros (1.149 kc/s) e ondas curtas de 1.500 metros (200 kc/s).

Cria o hábito de ler «LONDON CALLING», semanário ilustrado e órgão oficial da B. B. C.

A' venda nas principais tabacarias e na Livraria Bertrand, R. Garrett, 73-75, ao preço de Esc. 1\$20.



DIA E NOITE...

Os inigualáveis cremes de beleza

Rainha da Hungria

velarão pela Mocidade da sua pele!

Elogios... para quê?

Basta dizer que são produtos

M. ME CAMPOS



ACADEMIA CIENTIFICA DE BELEZA
LISBOA — RIO DE JANEIRO

SERIE TRATADO

Novela inédita de Teófilo Leite

LUZU prazer.

— O prazer é todo meu, cavalheiro! — disse, dobrando-se em dois, alçando a cadeira em que estava sentado, a oferecer-me.

Este curto diálogo passava-se entre mim e o sr. Góis, o senhor Joaquim Góis, digníssimo funcionário das Alfândegas e empregado na Junta de Filadélfia.

Devo começar por declarar que conheci o sr. Góis numa hospedaria pouco menos que mansoa, na travessa do Trombeta, do Bairro Alto, em casa da D. Joaquina, numa tremenda noite de inverno, noite tempestuosa e escura como carvão, um céu de fuligem que nada deixava enxergar, e em que a água caía a cântaros, e o vento, assobiando pelas frestas das portas mal unidas, vinha vergastar-nos os já combalidos joanetes.

O senhor Góis vestia todo de preto, era alto que nem uma viga, seco de carnes, dum magreza quase esqueletrica, com pouco cabelo, a calva incipiente e embarrançada já as lãças chapudas, uma óculos com aros de tartaruga enormes, de grandes lentes biconcavas, pelo que depressi ter o homem extremamente miope, ficando a minha suposição corroborada quando o vi piscar os olhos frequentes e repetidas vezes.

E, por sobre isto, ainda estrábico, dum estrabismo tão pronunciado que, enquanto falava, nunca pude perceber se se dirigia a mim ou ao meu companheiro — Comelli, assim, algumas «gafes», por ser pouco fácil de adivinhar com qual dos dois falava, pois enfiava um olho pelo outro, olhando-nos quasi simultaneamente.

Mas, assim tão magro, trajando de escuro, o olhar morto, deu-me a impressão nítida quando me foi apresentado, dum carapau de luto, em cima da mesa da cozinha á espera de ser amanhado.

O senhor Góis era hóspede da casa já em seis meses, segundo me declarou, não sem uma pontinha de vaidade e um certo entendo carinho na voz, a dona da pensão, a D. Joaquina, uma mulherota de grandes setas, tramentos e fidedias como água, um tanto entrada em idade já.

Tinha ido para ali depois da morte da mulher, foi-me lá dizendo: O que é chorar na primeira noite em que para ali fôr, imediata ao dia do enterro! — Chorara tanto, embora de mansinho, que até se cuvia por detrás do tabique, no seu quarto, ao lado do leito, o senhor nem pôe na sua idade parecia, parecia mesmo, com perdão de quem me ouve, o Chaziriz da Sete Bicas! E o que é de você de volta na cama, de noite, a soluçar, sem poder dormir, e a deixar dorir a ela?!

«No dia seguinte procurei-me e disse-me que queria ficar aqui, nesta casa — sublinhou, orgulhosa — aqui acabar os seus dias, se disso Deus fôr servido... E pagu-me adiantado dois meses — acrescentou com um ar guloso.

«Viera para a sua casa, — continuou — modesta, mas limpinha (1), como podia ver, não porque éle precisasse, não! Que o sr. Góis tinha bonas anéis, papéis do Estado... e dinheiro junto no Monte-Pio — disse com ademanes importantes, baixando a voz e olhando-me de esconso, a gozar o meu espanto.

Que ela também era de muito boas famílias, junto. O pai tinha sido músico da Guarda Republicana, e a mãe, essa, trabalhava de costura para fora. Outros tempos (E com um olhar de solidão longínqua, nos olhos piscos), lá ela, então, nos seus desolto anos e andava a aprender piano com uma francesa, ali á Travessa da Queimada. Hoje, já não sabia nada; enterriam-se-lhe os dedos com o reumatismo; depois, as arvelhas da vida... O pai morrera dum comêstio em seguida a um concerto a que foram os senhores ministros... Ela fugira com o marçano do primeiro andar, um bonito rapaz alourado de Lamego. A mamã «licava-se», dois meses depois, com o desgato.

E ela, após outros amores, dois áles infelizes — e aqui teve um gesto magoado de pura incompreensão, que

seus negócios, que olhasses pela casa... Um homem sempre é outra coisa, não lhe parece?

Tinha um certo traço pelo sr. Góis, confessou.

Nem sabia como aquilo tinha sido. Mas, era pena, declarou-me, abrindo-se mais com o que, tivesse aquele defeito na vista, fôsse torto, conforme dizia, e, sobretudo, «tão frio». Quando não, assim desenxovalhado, com boa figura e alguma coisa de seu, sim, o senhor compreende-me...

Interrompeu-se ao ver que não falava. E desviando pidiçamente o olhar, onde havia um lampejo sensual — Sim, porque «ela, também, não estava tão velha como isso. Quantos lhe dava? Veja lá? Pois, tinha «do» cinquenta e três. Ninguém diz, é verdade! E não! E, depois, também, tinha o seu

talvez cobrê de estopa, com uma branca aqui e ali.

As mangas arregaçadas deixavam ver uma braço enorme, gordas e rílicas, muito brancas, onde havia pintas dum castanho vivo, como sinais de pulgas. E, pelo decote do corpete, mal apertado, os seios, dumam grandeza descomunal, eram duas meândras, bambolesmas como bôras mal cheiros.

Via a mulher, mais tarde, que o motivo da sua indecência e de fôdas as suas amarguras residia naquela vista. Com êsteio, aquela vista, aquela negrada vista era o diabo... pois que ardo num amor casto: (1) e sincero (1), e não se atrevendo a declarar-se-lhe, dêla esperava dia a dia qualquer palavra vemente, apaixonada, ou, quando menos, um olhar, um simples olhar, que fôsse a revelação muda do seu amor.

Do, em vão, porém, que esperava. Cada dia que vinha, o achava mais frio, mais desolador; nem a almejada palavra reveladora, nem e amanhado alhar esciçante.

«Até parecia que lhe tinha morto, o diacho do homem — ouvi-lhe uma vez. Aquelle delido delito na vista. Era uma arrelha, palavra! Não sabia, como de resto nunca chegou a saber, se alhava para ela, se para outra, o que ela sofria, Deus meu, só ela e eu, o confidente de tôdas as horas, das amargas, mormente, o solabamos.

Quando o vi mais conversador «que os outros», pois o sr. Góis era de poucas lãças, mais meliflúo no falar — e julgava que aquilo tudo era consiço — não só, depois, percebia que estivera olhando para outra.

E assim foi que já despedira duas criadas. E a outra, para a qual ele levava o mesmo caminho.

— Não seja assim, D. Joaquina — disse-lhe certa vez.

«Nem que ela tivesse que servir á mãe e fazer lido o serviço mais. Erau tôdas umas ataladas, umas coitas. Em lhes cheirando a macho, pronto. Desavergonhadas, um homem vivo, de mais...»

Sob os tempos passados que o sr. Góis largava de casa havia semanas. O que teria motivado a sua saída da «esplêndida» pensão da D. Joaquina eu que razões o teriam levado a isso, nunca o soube. Mas, é de presumir, e estou até era credo que outras não teriam sido senão os ciúmes ferozes da matrona.

Passou o outro dia por lá, para saber, estava na cozinha. Ao avistá-lo, veio logo para mim, arrugando a mão ao avental, antes de me estender, um sorriso baboso na boca mole, sem dentes, cheia de pregas.

E estava, mais velha, mais acabado. Deu-lhe, sem esconder a amargura interior, ao passo que me arrastava para a saleta:

«Cria, senhor Rodrigues, aquele homem lo, a minha perdício.

E, em voz lacrimosa, a espargos interrompida pelos soluços.

«Ohe, talvez não acredite, mas até cheguei a pensar que fôsse aqui enviado por amor dos meus pecados, só para me consumir.

Dissaram-me, depois, que éle estava para al metido com uma garota, corista do «Varietades», que lhe comia os olhos da cara, levando-o o melhor dia economiza no luto e com os amantes de o saído que éle, principalmente, pagava, para as faltas.



ling acreditar, entre os quais um sargento de Capadores, tendo amealhado as cobras, viera ali estabelecer-se e governar a sua vida honradamente. Quería ter ali um cartão para a velhice, levar o resto da vida sossegada. Nunca se casara. Não que lhe faltassem partidas — e bons, até por sinal um empregado da Companhia das Águas, com muito futuro... mas não quisera.

«Sempre era ter água de graça... — acrescentei.

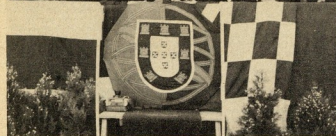
Então que queria? Era aquele feitio. Nunca tinha querido estar «ajugado» (ela queria dizer «subjugado») a ninguém. Estava acostumada em casa dos pais a que lhe fizessem tôdas as vontadinhas...

Mas, agora, sentia-se cansada. Apelecia-lhe uma companhia para os últimos dias, alguém que a ajudasse nos

pê de melo com que viver desoladamente, tinha ali o pensamento, que sempre era um futuro — não é verdade? E tanto mais que éle já não estava nada criança. Precitava duma mulher como ela, com experiência da vida, que o aquirnhasse, soubesse alhar pelo governo da casa, o tratasse, se caísse da cama! Então, uma companheira dedicada, não lhe parece?

«Que eu ainda não lhe disse nada. Não vá éle imaginar que é por causa do que tem, não! É um sentimento sincero, acredite! (E espalmava a mão no peito).

Reparei, então, melhor nela. Mais baixa que alta, gorda, tinha uma face bestial, larga e bexigosa, vermelha como um pimentão, a um dos cantos do bôco um tufo de cabelos encaracolados. O cabelo dum cárdipicista,



DOIS ASPECTOS DA CERIMÓNIA do juramento de bandeira dos novos cadetes de Marinha, no Arsenal do Alentejo. Em cima, o Chefe do Estado, com os ministros da Marinha e da Educação Nacional assistindo ao desfile dos alunos.



UM ASPECTO DO BAILE de despedida das quinquenistas de Direito, efectuado na Casa das Beiras.



CONTRA TODAS
AS QUEIMADURAS

APYROL NÃO É UM CREME, É
UM PRODUTO MEDICINAL

APYROL

A venda na Farmácia
Estácio — Rossio e em
todas as boas farmá-
cias e drogas

Os
melhores
Atelieres
Gráficos
do País

**BERTRAND
IRMÃOS, L.^{DA}**

T. DA CONDESSA DO RIO, 27 LISBOA. TEL. P.B.X. - 2 1227
2 1368

LEIA TODOS OS SABADOS

VIDA MUNDIAL

Os melhores artigos
dos melhores jornais
de todo o Mundo



O encontro histórico entre Hitler e Mussolini, em Salzburgo, em 28 de Setembro de 1940, é retratado nesta página. O encontro ocorreu no Hotel "Europa" da cidade austríaca.

O histórico encontro de Salzburgo

2.ª VIDA MUNDIAL
 ilustrada

HITLER E MUSSOLINI encontraram-se, mais uma vez, para conferenciarem sobre os problemas ligados à evolução da guerra. Foi após este encontro, efectuado há dias, que se desenvolveram novos acontecimentos na frente oriental, prenúncio dos sucessos que contribuirão para modificar a trajectória do conflito. A foto mostra-nos um instante da histórica entrevista: os cumprimentos trocados entre os dois chefes dos países do «Eixo».

D-ILLUSTRATED

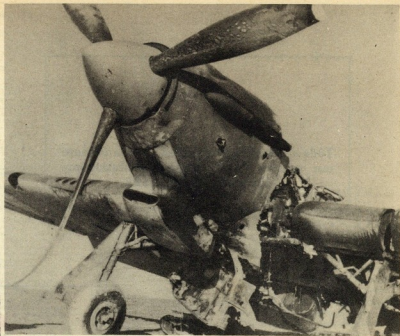


UM SOLDADO AUSTRALIANO mobilizado para a defesa da sua pátria, sempre iminente perante o avanço japonês, conversa com outro soldado — o seu pai — veterano da guerra de 1914-18.

Suas gerações de
Australianos
 na guerra
 VIDA
MONDIAL
 Ilustrada

ITALIA

na Guerra



EM CIMA: Um aspecto da luta no deserto circenico: Um avião abatido pela artilharia anti-aérea italiana. À ESQUERDA: Um soldado do corpo expedicionário italiano nas primeiras linhas da frente do Donetz. EM BAIXO: Um aspecto da parada comemorativa do aniversário da aeronáutica italiana.

**PAPEIS EM TODOS
OS GÊNEROS
E PARA TODAS
AS APLICAÇÕES**

**IMPRESSÃO // COUCHÉS
PLUMA // EDIÇÕES // JORNAL
PAPEIS DE EMBALAGEM
SACOS DE PAPEL
FIO DE VELA**

**CARTOLINA // CARTÃO // PAPELÃO
LIVROS COMERCIAIS // ENVELOPES
ARTIGOS PARA ESCRITÓRIO**

AMADOR A. DOMINGUEZ & C.^a (FILHO)

ARMAZEM DE PAPEIS

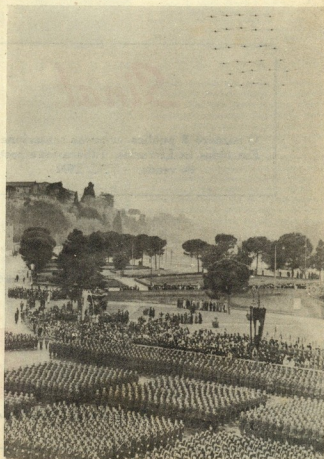
RUA DOS CORREIROS, 70



LISBOA

Endereço Teleférico: PAPIRO

Telefone 25854



Sinal

Tôda a actualidade mundial — Cada número
um volume de 48 páginas profusamente
ilustrado — ESC. 2\$00

Sinal

A revista ilustrada da Europa que sempre
informa bem. — A' venda o número 9
EDITADA EM PORTUGUÊS — Esc. 2\$00

Sinal

O número 9 publica crónicas sensacionais.
Em tôdas as Livrarias, Tabacarias e postos
de venda — ESC. 2\$00

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

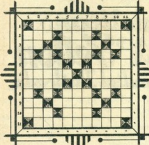
AGÊNCIA INTERNACIONAL



RUA DE S. NICOLAU, 119 — LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N. 24



João Pereira da Rosa

A propósito dum artigo publicado nesta revista, e cobrado do sr. João Pereira da Rosa, illustrador de «O Século», a seguinte carta que gostosamente publicamos:

—Sr. e Presado Collega:

Tendo lido o artigo que me dá respeito, no n.º 30 da «Vida Mundial Illustrada», de que V. e muito digno Director, venho apresentar a V. Ex.ª as mais sinceras e agradecidas palavras em termos do referido artigo, em que a justiça e apreciação é de muito excedida pelas sentenças amiaosas de seu autor, o sr. Mário Rocha, as quais tenho, como não poderia deixar de ter, em maior conta. A por dadas agradecimentos permitto-me, porém, V. Ex.ª um esclarecimento que julgo indispensavel para que o meu silencio não deixe supôr concordancia com a attribuição duma attitude que, rigorosamente, não assenti.

Quero referir-me a passagem relativa ao silencio de que fui sioo o industrial e mais illustre amigo sr. Alfredo da Silva, em que se afirma ter-lhe em selado a vida.

De facto, a minha intereção nesse bastimido incidente limitou-se a serborar esse attenção, não apenas no âmbito familiar, mas ostensivamente, vibrantemente, nas colunas da «Semana» e nas collectividades onde se me offereça anjo de azar da polêmica confidenciais, não a referido attenção como outros ter, ao tempo, se produziam com frequência, lendo a dfeito por autenticos facticos.

A esforçar-me por, de alguma maneira, preparar o ambiente para a recepção com a familiaridade Leão Verceloso, que tem em Ferreira do Amaral o seu principal e coexistente agente, se reduziu, portanto, a minha acção.

Certo de que V. Ex.ª comprehenderá os circumstancias que me leuam a proferir, nos meios publicos este esclarecimento, favor pelo qual ainda mais grato me fezer, trocava com o maior apreço e estima

De V., etc.

JOÃO PEREIRA DA ROSA

1.º — Rio; Sala. 3 — Aoi. Má. 4 — Ita. Cór. 5 — An. Rê. 6 — Ex. Fê. 7 — Nis. Fin. 8 — Ca; Mi. 9 — Anta; Atu. 10 — Alaim; Delta.

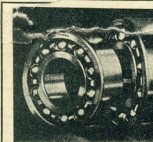
VERTICAIS — 1 — Bala; Penca. 2 — Orna; Sôa. 3 — Ir; Al. 4 — Aio; Una. 5 — No; Ti. 6 — Os; Am. 7 — An; Ad. 8 — L; T. 9 — Al; M. 10 — Jo; Il. 11 — Mor; Atim. 12 — Harem; Emir.

HORIZONTAIS — 1 — Feiçaria. 2 — Espécie de boi selvagem; Herdade dividida por marcos; Você. 3 — Adeus; Espécie de cobra muito venenosa; Artigo plural. 4 — Sôpe. 5 — Planta brasileira, de fibras textiles; Aparência. 6 — Bengala grossa; Planta espinhosa da Arabia. 7 — Planta africana, herbácea, ornamental, de folhas simples, levemente recortadas e flores vermelhas, involucro branco. 8 — Piôba. 9 — Lijação; Feira. Nome de letra. 10 — Fétido; Enlace (pl.). Ponta aguçada. 11 — Crueldade.

VERTICAIS — 1 — Espécie de planta vermelha. 2 — Ave gálinda da Brasil; Barro; Espécie de jogo, também chamado jogo da glória. 3 — Letra grega; Feição; Outra coisa. 4 — Altar. 5 — Coisa branda; Pastor. 6 — Pequeno abutre da America; Mulher velha. 7 — Borracha. Estudante premiado ou distinto (fem.). 8 — O meio da rua. 9 — Com; Prato da balança; Letra grega. 10 — Para cá; Matéria corrua; Agua. 11 — Planta trepadeira.

Solução do problema n.º 23

HORIZONTAIS — 1 — Cingão; Ala



ROLAMENTOS

HOFFMANN
SÓLIDA
CONSTRUÇÃO
INGLESA

A. BLACK, L. DA

R. DA BOA VISTA, 30-32
LISBOA

R. FERNANDES TOMÁS, 531
PORTO

Garland, Laidley & C., Limited

Agentes gerais em Portugal das Companhias de Navegação: BLUE STAR LINE;

Carreiras regulares de paquetes rápidos para os portos da America do Sul, Australia e Nova Zelandia. Passagens de 1.ª classe e carga de portos e frigorificos.

BOOTH LINE:

Carreiras regulares entre Inglaterra, Lisboa, e os portos do Norte do Brasil. Passagens de 1.ª e 3.ª classes e carga.

CUNARD WHITE STAR LINE:

Carreiras entre Inglaterra e Franca e os portos da America do Norte. De mais rápidos, maiores e mais luxuosos paquetes. Passagens de todas as classes e carga.

LAMPORT & HOLT LINE:

Carreiras de Inglaterra para os portos da America do Sul. Passagens de 1.ª classe e carga.

YEOWARD LINE:

Carreiras regulares entre Inglaterra, Lisboa, Ilhas Adjacentes e Canarias. Passagens de 1.ª classe e carga.

LISBOA:

Travessa do Corpo Santo, 10-2.º

Telefone 23317/3

PORTO:

Rua «Infante D. Henrique», 131

Telefone 348/349

Ender. Telêgr. «GARLAND»

EXALA-SE ESTA SEMANA DE...

CONSELHEIRO MARTINS DE CARVALHO



Que recebeu, recentemente, na Universidade de Coimbra, o grau de doutor-honoris causa. A cerimonia do doutoramento, effectuada no Sala dos Capellos, fêz reviver uma tradição curiosa. O padrinho do novo doutor foi o sr. prof. dr. Mário de Figueiredo, illustre ministro da Educação Nacional. No acto, discutiram-se dois professores mais novos da Faculdade de Direito. O guardião recebido é justissimo. Cordeu uma carreira brilhante posta ao serviço do foro e da Justiça, uma vida inteira dedicada a uma profissão — que o conselheiro Fernando Martins de Carvalho soube valorizar como poucos.

DR. FRANCISCO VELLOSO



Escritor, advogado e jornalista, conhecido commentador da politica internacional, cuos trabalhos merecem sempre o melhor acolhimento do publico, e que acaba de publicar um notavel livro «O drama da unidade alemã». Edição da Parceria António Maria Pereira — que junta este volume à sua já notável série de livros de guerra — a nova obra de Francisco Velloso afirma-se como um grande êxito, mois uma notável afirmação do talento do seu autor. O brilhante cronista da «Vida Mundial Illustrada» fez um livro que «não arde em fogo de polémica, nem traz cartaz de propaganda», mas é um admiravel estudo da vida da Alemanha, da evolução da sua politica, das causas que levaram o Reich à guerra.

JOAQUIM PAÇO DE ARCOS



Laureado escritor que acaba de publicar a 2.ª edição do seu livro «Diário dum emigrante». Trata-se dum êxito literário, cujos méritos é desnecessario enunciar. Importa, no entanto, dizer que «Diário dum emigrante» foi, até hoje, o único romance português que obteve o prémio «Eça de Queiroz em sete annos disputado por quinze um centena de obras de autores nacionaes — desde que foram estabelecidas as primeiras litterarias do Secretariado da Propaganda Nacional. O romanista da «Anz Paula» e de «Anadães», obra que mereceram também já a consagração do publico, tem, neste trabalho, um justissimo prémio ao seu labor litterário.

MÁRIO ROCHA



Distinto jornalista que há annos vem chamando a redacção do nosso colosso «O Século Illustrado» e que, recentemente — após Leão de Barros ter, por motivo dos seus silences, abandonado definitivamente a direcção artistica daquela nosso colosso — assumiu de uma maneira efectiva a função de o orientar thematicamente. Mário Rocha tem dado áquelles semanários todo o seu esforço e todo o seu saber profissional, transformando-o numo belis affirmação do jornalismo. E esse grato consular o triunfo dote profissional da imprensa — que é também um escritor de mérito, como ficou evidenciado no seu livro sobre «O general De Gaulle», — e por êle felicissimo não é Mário Rocha como também «O Século Illustrado».

VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

complet, neste número, o seu primeiro ano de publicação. Agradecendo o bom acolhimento do publico que tornou possível a realização deste obra, apresentamos cumprimentos a todos os colaboradores, assinantes e annunciantes.



ESTERA MISTEIOSA

Grande romance policial do escritor americano

Max Fellon

Especial para a *Vida Mundial Ilustrada*,

(Conclusão)

CAPITULO XX

A ÚLTIMA DESCOBERTA



Ol enorme alvoroço provocado por aquela cena inesperada. Os gritos de «miss» Maud obrigaram o «detective» a suspender o gesto. Todas as atenções se concentraram na jovem, que se debria numa crise nervosa nas braços de Jack Harman, que já transportava, auxiliado pelo inglês, para um divan, onde ambos se empenhavam em acalmá-la.

Ela não perdera os sentidos. Estava, porém, num estado de excitação horrível. Dir-se-lia que um terror supersticioso, causado pelo cofre, se apoderara da pobre rapariga. John King, muito pallido, permanencia de pé, como que pregado no meio do aposento, sem pronunciar palavra.

Charles Read lançou-lhe um rápido olhar persuasivo, e disse:— Seria melhor prestá-lhe os socorros devidos.

Estas palavras como que despertaram o milionário, que só então percebeu ter consciência do estado em que a filha se encontrava.

— Tem razão. — murmurou elle, em voz sumida e entrecortada. — Vou chamar alguém. É preciso um médico. E aqui quasi diante do gabinete Charles Read juntou-se aos companheiros, que empregavam esforços desesperados por fazer voltar a calma ao espirito avirrotado de Maud King.

A jovem sentara-se bruscamente no divan, como se quizesse reagir, por seus próprios meios, à crise que a tomava.

— Então, sente-se melhor? — inquiriu o policia.

Em vez de responder aquella pergunta, a jovem supplicou, em voz tremula:—

— Oh!... «Mister» Read... Paga-lhe pelo que tiver de mal sagrado. Paga-lhe, não insista nas investigações... Está tudo terminado...

— Ainda falta alguma coisa... — iniciou o «detective».

— Nada falta já!... — acudiu ella — Já se sabe de quem é a estera. Retuam-na a quem de direito... E deixem esta casa em paz.

— Muito bem, «miss» Maud — tornou o policia, mais calma e repousadamente. — Nós vamos levar a estera, para a restituir ao seu proprietario legitimo. Compreendemos que seu pai compra, ignorando-lhe as origens. Há, porém, um pormenor que não comprehendemos: porque elle causou tanto terror que se me aproximasse do cofre? Temia ver-me cair electrificado?

A jovem não respondeu. Baixou os olhos ao chão. Tudo o seu frágil corpo tremia, como um arbusto agitado pelo vento.

Um ligeiro sorriso de ironia perpassou pelo rosto do policia. Os seus companheiros assistiam à cena sem a comprehender. Presentiam que havia qualquer coisa na sombra.

— Vamos — insistiu Charles — recorra ver-me cair electrificado?

Maud permanecia muda, os lindos olhos cheios de terror.

O policia, então, em voz mais mansa, mas muito firme, pronunciou:

— Não, não era a minha morte que «miss» Maud receava, porque sabia tão bem como eu que o cofre não está electrificado.

Georges Marly e Jack Harman ergueram para o «detective» um olhar espantado. Maud permaneceu na mesma attitude, os olhos fitos no tapete, como se neste houvesse alguma coisa que a fascinasse.

— Eu sabia que o cofre não estava electrificado — continuou Charles Read, após uma longa pausa. — E soube-o logo no primeiro dia que seu pai me trouxe a este gabinete e me contou a historia complicada da construção do

cofre inadvertidamente e não caiu fúlmido! Reti e guardei estas pormenores para mim. Compreendi que a estera lóra roubada de dentro do cofre. Foi, aliás, de onde «miss» Maud a retirou, não é verdade?

— É verdade — confirmou ella, em voz sumida.

— Agora, gostava que «miss» Maud me explicasse a razão porque, ao restituir a estera a seu pai, não a deixou ficar de novo dentro do cofre, preferindo collocá-la sobre a secretaria.

A rapariga começou de novo a tremor e a soluçar.

— Não me faça mais perguntas — su-



— Não abra. Não abra!... — bradou ella num tom patético.

cofre, reforcado com uma suposta corrente eléctrica. Seu pai apenas quis estabelecer no meu espirito que era impassível alguém tentar abrir o cofre. Nesse dia não comprehendi o alcance das suas palavras. Agora, percebo-o perfeitamente. Elle quis aterrorizar-me, para que eu não experimentasse abrir o cofre. Mas... nesse mesmo dia vi que o cofre não estava electrificado. Abriu uma pausa. Maud lançou-lhe um olhar ansioso.

— Vi que não estava electrificado por uma maneira muito simples — continuou o policia. — Porque seu pai, he-

plício ella. — O senhor fez-me sofrer horrivelmente. O caso da estera está arrumado. Do que preciso agora é esquecer...

Jack Harman lançou ao amigo um olhar severo. O inglês mostrava-se muito interessado naquelle diálogo. Dir-se-lia um caçador à espera de ver surgir uma inesperada peça de caça.

— Eu sei o que se passa no seu intimo — disse o policia, quasi paternal — Lelo na sua alma como num livro aberto. «Miss» Maud estava realmente a intenção de collocar de novo a estera dentro do cofre. Até possuía

as chaves para o abrir quando quizesse. Dizia:

Todos os olhos se fixaram, com assombro, no policia, que mostrava na sua mão um pequeno molho de chaves niqueladas.

— Deixou-as cair há pouco no tapete, quando foi assaltada pela crise de nervos, e eu aprehendi-as. Foi com ellas que «miss» Maud, que sabe que a electrificação do cofre não passa de uma lenda, o abriu para lá deitar a estera. Mas encontrou lá dentro mais alguma coisa que não estava na ocasião em que tirou a fatidica bola de aço. Encontrou...

— Cale-se! — bradou Maud King num exclamação estranha. — Cale-se! Por Deus, não diga mais...

Erguera-se, com o olhar desviado, os lábios descorados e trémulos.

— É demasiado tarde para me calar «miss» Maud — disse o policia, em voz calma. — Tenho muita pena de a fazer sofrer.

Encaminhou-se bruscamente para o cofre. Maud tentou impedir as suas perseguição. As mãos de Harman e Marly seguraram-na fortemente.

— Não abra. Não abra!... — bradou ella, num tom patético.

O policia não a ouvia. Em alguns minutos, experimentando precipitadamente as chaves que mostrara momentos antes, fizera oscilar a porta de aço, que girou lentamente.

Marly e Harman recuaram um passo, presos de uma grande comoção, enquanto Maud, tapando os olhos, chorava convulsivamente. No interior do grande cofre, a resillar da penumbra, via-se um molho confuso de roupa, do qual se destacava uma coberteira loura.

— Foi o cadáver de «miss» Judy o achado no interior de Maud, quando viha repór no seu lugar a estera de aço — pronunciou sombriamente Charles Read.

A noticia do apocrieto do cadáver de Judy Gordon num cofre do palácio do milionário John King explodiu em Nova-York como uma bomba. Espantaram-se edições sucessivas dos jornais. O «New-York Times» trouxe um relato circunstanciado e empolgante do caso da estera misteriosa, pôdo em destaque a extraordinária angustia do «detective» Charles Read, que adquiriu uma nomeada como nunca esperava obter. O seu retrato andava por toda a parte. Ao seu escritório chegavam diariamente telegramas de toda a América felicitando-o, e inúmeras cartas de mulher, propondo-lhe casamentos vantajosos.

De um dia para o outro, o modesto «detective» viu-se assediado de pedidos de intervenção nos casos mais intrinsecos e misteriosos, com promessas de altas recompensas. Elle já não sabia para onde se voltar. Pensava em alargar a sua organização particular, ampliando as suas instalações e contratando mais ajudantes. Jack Harman foi logo avirrotado em sub-chefe daquelle nova corporação policial privada, de que Charles Read era o chefe prestigioso.

De John King nunca mais houve noticias. Sobre-se que, enquanto a commissão se desactivava no gabinete onde fizera a descoberta macabra, o milionário aferra a pretexto de ir chamar socorros para a filha, mas na realidade o que tratava lóra de fugir. Tomara um seu avião particular e le-

vanlaria vô para desconhecidas paragens.

Supunha-se que o avião se tivesse precipitado no mar, ou por desastre, ou propositalmente.

Como uma desgraça nunca vem só, poucos minutos depois de Charles Read, Harman e Marly saírem do palácio, levando consigo a preciosa esfera de aço, apresentavam-se ali oficiais da justiça para encerrar e arrestar todos os bens do milionário, em cumprimento de uma demanda de um «trust» financeiro, que resolvera dar John King por laido.

Charles Read, informado telefonicamente do caso, deu-se pressa em auxiliar «mistress» King e a filha que de um momento para o outro, desceram dos pátulos da fortuna para a mais sombria miséria.

As duas senhoras foram recolhidas carinhosamente em casa de «mistress» Gordon. «Miss» Dorothy sentiu-se muito comovida com a sorte delas. As duas jovens e as duas senhoras acharam-se em poucos dias ligadas pelas laços da mais sólida amizade, que o sofrimento de todas mais aperta.

— Parece que, na verdade, a esfera tinha o condão de dar a felicidade aos seus possuidores — dizia Maud — porque mal ela saiu do palácio entrou a desgraça...

— Superstições — murmurou «mistress» King, que não podia esquecer

que a esfera lhe trouxera os maiores desgostos da sua vida.

Mas ainda havia quem atravessasse mares e continentes para a recuperar. Foi o caso do «marajá» que, avisado telegraficamente por Marly, se dirigira imediatamente a Nova-York por via aérea, a fim de tomar posse do que legitimamente lhe pertencia.

O «marajá» e Marly, que já não se viam há muitos anos, tiveram um encontro emocionante.

O índio tinha as lágrimas nos olhos. — Nunca me esquecerei! — dizia ele ao seu amigo Marly — que é a segunda vez que você me dá o talismã da felicidade! Roubaram-me da primeira; prometo que nunca mais mo levarão.

Contou então que Cisman Ratoior era filho de um dos seus irmãos criados, e que ficara deão muito novo. Pertencia a uma casta inferior, mas o «marajá», tomado de simpatia por ele, mandara-o educar num colégio inglês de Calcutá. O pequeno tinha bom aproveitamento escolar. Nas férias ia passar uns meses no palácio do seu protector. Um dia, já homenzinho, deca-pareceu. Supõe-se que o rapaz tivesse sido devarado por algum fígure ao atravessar a selva. O caso esqueceu. Só mais tarde é que deu por falta da esfera preciosa, mas nunca suspeitou de fosse Ratoior o ladrão.

O padre passou clandestinamente para a América e fôra feliz. Formara-se

T. S. F.

Receptores «R. C. A.» 1942 — Válvulas «R. C. A.» — Frigoríficos — Reparações de todas as marcas

VENDAS AO PUBLICO

VISITE A NOSSA EXPOSIÇÃO
PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO

THOMSON GENERAL ELECTRIC PORTUGUESA, LD.ª

Rua do Norte, 5 — Telefone: 2 8135-2 8136

em medicina, tinha dinheiro. Deus, porém, castigou-o. Porque a esfera só deve fazer feliz o seu legítimo possuidor.

Houve ainda dois acontecimentos felizes: Dorothy realizou o seu sonho, casando com Charles Read, e Jack Harman, que já não encontrava a barreira da «museza» a estorvar o caminho da

sua felicidade, atreveu-se a pedir a mão de «miss» Maud, que recebeu a notícia com feliz alvoroço.

FIM



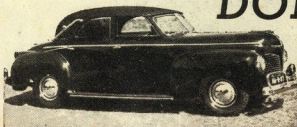
O MINISTRO DE PORTUGAL EM BERLIM, sr. Conde de Tovar, fazendo o discurso inaugural da Exposição de Arte Portuguesa realizada em Berlim.

DODGE DE LUXO

Equipado com

FLUID DRIVE

Ultimo modelo, NOVO, com carroserie especial, em exposição para venda no salão dos seus Agentes



SPIDA — SOC. PENINSULAR INDUSTRIAL DE AUTOMOVEIS, L.ª

43, RUA ALEXANDRE HERCULANO — LISBOA



O REI JORGE VI^o Primeiro soldado de Inglaterra

Nesta hora em que a Inglaterra é toda, ela uma fronte de batalha, o seu rei é homem e seu primeiro soldado. Que encontrando-se com os homens dos seus exércitos prontos para a defesa e para o ataque, quer convivendo com o seu povo e partilhando dos seus sofrimentos, este soberano merece ao mundo o melhor exemplo de quanto valiam coragem e o há de uma nação que confia nos seus desti-